

SANTOS RODRIGUES, Gilson¹; MARTINS, Patrícia Porfírio²; DE MARCO, Ademir⁴. **Pedagogia das atividades circenses nas atividades extracurriculares: relato de uma experiência de criação e composição coreográfica “A maravilhosa história do Circo”**. Campinas, SP: FEF/Unicamp. ¹ Departamento de Educação Física e Sociedade, FEF/Unicamp; doutorando em Educação Física; orientador Ademir De Marco. Arte-educador. ² Experimento – Experiência em Movimento; professora. Professora e arte-educadora. ³ FEF/Unicamp; professor titular.

RESUMO

De modo a contribuir com a arte-educação circense no contexto das atividades escolares extracurriculares, este estudo teve por objetivo relatar e compartilhar o processo de criação/composição de uma coreografia dentro da apresentação intitulada “Circolando: A maravilhosa história do circo”, com crianças de 5-7 anos num projeto de atividades extracurriculares. O estudo consiste numa pesquisa sobre a própria prática de matriz colaborativa. As fontes são planos de trabalho e de atividades, anotações, registros de aulas (fotos, vídeos e desenhos) e da coreografia apresentada. Na análise de dados houve a leitura das fontes, foram criadas categorias de análise e as unidades de significados foram destacadas e alocadas nessas categorias. Os resultados apontam que no caso dessa escola as atividades extracurriculares visam um caráter educativo. Uma síntese deste trabalho com Circo ocorre num evento (festa) escolar cuja característica é ter a coreografia criada pelas próprias crianças. A coreografia analisada foi “Circo com animais” e teve como processo de criação contação de história, atividade de “arquitetura circense”, ensaio com as atividades circenses, apresentação de pequenos números e desenhos. As dificuldades foram a rápida dispersão das crianças, a impaciência no papel de público dos colegas e a falta de autonomia na produção coreográfica. Por fim, a coreografia foi uma síntese de números criados nas aulas, os docentes foram “produtores” da coreografia e as crianças vivenciaram os eixos da arte-educação: criar, fruir e refletir sobre o seu processo de criação coreográfica com a arte circense.

Palavras-chave: Circo. Coreografia. Escola Básica. Atividade Extracurricular.

ABSTRACT

In order to contribute to circus art-education in the context of extracurricular activities, this study aimed to report and share the process of creating/composing a choreography within the presentation intitled “Circolando: the wonderful history of the circus” with children 5-7 years old in an extracurricular activities project. The study consists of self-study research in a collaborative matrix. The sources are work and activities plans, notes, class records (photos, videos and drawings) and the choreography presented. In the data analysis, the sources were read, categories were created and units of meaning were highlighted and allocated in these categories. The results show this school the extracurricular activities aim an educational character. A synthesis of this circus teaching process occurs in a school event whose characteristic is to present a choreography created by the children themselves. The choreography analysed was “Circus with animals” and had as activities of the creative process the storytelling, “circus architecture” activity, rehearsal with circus activities, presentation of circus acts and the drawings. The difficulties were the quick dispersion of the children, the impatience as spectator of the colleagues and the lack of autonomy in the choreography

production. Finally, the choreography was a synthesis of circus acts created in class, the teachers were “producers” of the choreography and the children experienced the axes of art-education: creating, enjoying and reflecting on their choreographic creation process with circus art.

Keywords: Circus. Choreography. Elementary School. Extracurricular Activities.

“Vai, vai, vai começar a brincadeira”¹

O Circo é uma arte secular, como argumentam Lopes e Silva (2018), que dialogando com o tempo e a sociedade na qual está inserida (STRASSER, 1991), se concretiza nas várias dimensões da arte. Com efeito, a arte circense se materializa como uma arte de entretenimento (MAGNANI, 2003), vanguarda artística (GUY, 2001; WALLON, 2009) e como arte-educação (SILVEIRA, 2003; DAL GALLO, 2011). Ampliando esta última dimensão, Rocha (2012) idealiza a noção de “circo-escola” como um conceito capaz de abarcar a diversidade de agentes sociais, objetos e práticas circenses visando a educação para arte, por meio da arte ou simplesmente para “[...] usar melhor o corpo e olhar a vida com mais alegria e magia” (p.144). Portanto, neste estudo nosso olhar para o Circo é pelo viés da arte-educação ou, como cita Rocha (2012), para o “circo-escola”.

Ainda que haja uma “pedagogia do espectador” (DESGRANGES DE CARVALHO, 2003) e uma “teoria da recepção artística” (BENNETT, 2012) que nos incita a pensar numa educação para o “respeitável público”, nossa intenção aqui é pensar a arte circense como meio para uma educação corporal, artística e estética (ONTAÑÓN, 2016; BORTOLETO, 2016). Para Soares e Madureira (2005) “[a] arte é sempre uma expressão do corpo. Sua matéria, seu ponto de partida e de chegada é sempre o corpo”. Entretanto, parece-nos que ao nível de uma didática para esta educação do corpo é preciso atentar-se para a especificidade da poética circense e, assim, concretizamos uma pedagogia das atividades circenses, como define Bortoletto (2008; 2010; 2014).

De acordo com Martin (2009), semelhante à arte da Dança, o Circo é uma “arte do espetáculo vivo” cuja poética ocorre pela composição material de corpo, movimento e espaço. Nas palavras do autor:

De fato, no coração da prática dessas artes reina um espírito comum, tanto no remete à disciplina corporal, à repetição necessária do movimento, ao treino cotidiano, como à pesquisa de certas qualidades físicas: souplesse, resistência, precisão, equilíbrio. [...]. Um mesmo jogo com a virtuosidade rege a dança e o circo: a necessidade de uma perfeição técnica acompanhada de uma desconfiança a respeito de sua dominação total, com o medo de produzir um corpo simplesmente mecânico. Trata-se de interpretar, de propor um estado de corpo sensível, significante, concretizando faculdades, além de uma realização perfeita (MARTIN, 2009, p.73).

Portanto, são essas características que fundamentam certa visão de uma pedagogia das atividades circenses no contexto da Educação Básica. O processo de incorporação da arte circense nas escolas básicas é um fenômeno transnacional com “aventuras pedagógicas” desenvolvidas e registradas numa série de países situados nos cinco continentes (SANTOS RODRIGUES, 2018;

¹ Trecho da canção “O circo” de Nara Leão, música no disco “Vento de maio” lançado em 1967, pelo selo Philips.

MELO, 2020). No caso do Brasil, o potencial educativo do Circo (BORTOLETO; MACHADO, 2003; HOTIER, 2003), que engendrou a entrada da arte circense na escola básica tem nuances que merecem nossa atenção.

Takamori et al (2010) e Cardani et al (2017) afirmam que semelhante a outros países, no Brasil as aulas de Educação Física representam uma das “portas de entrada” do Circo na Educação Básica. Com efeito, desde o início da década de 1990, o Circo vem logrando espaços na Educação Física escolar, apontam Ontañón, Duprat e Bortoleto (2012). Ademais, indicam estes autores, é nos anos 2000 que há um amplo e intenso processo de incorporação da arte do Circo nas escolas. Todavia, advertem Bortoleto (2011) e Ontañón, Bortoleto e Silva (2013), este processo de inserção do Circo na Educação Básica não foi devidamente acompanhado por reflexões mais profundas e consistentes sobre o tema podendo levar a equívocos conceituais, procedimentais e de segurança.

Para Barcellos (2014) e Netto (2016), a incorporação das atividades circenses nas escolas representa uma efervescência entre os escolares. Neste sentido, Santos Rodrigues (2018) argumenta que as potencialidades do Circo na escola são várias e todas podem contribuir com os objetivos de professores e instituições. Dentre essas potencialidades está a incorporação do Circo nas atividades escolares extracurriculares. Melo (2020, p.97) argumenta que “[...] a inclusão das atividades circenses no contexto das práticas extracurriculares tem crescido e se espalhado pelas distintas regiões do Brasil”. Além disso, complementa a autora, “[e]stamos diante de uma realidade que se fortaleceu nos últimos anos principalmente em escolas privadas” (p.97). Em linhas gerais, as atividades extracurriculares representam outra possibilidade para a entrada da arte circense na escola, embora isso ocorra por entre as gretas ou brechas dos currículos escolares (BORTOLETO; SILVA, 2017; MIRANDA; AYOUB, 2017).

Certos relatos de experiência com as atividades circenses nas aulas de Educação Física ou no contexto das atividades extracurriculares (COSTA; TIAEN; SAMBUGARI, 2008), indicam que as apresentações circenses são um elemento de vital importância para uma abordagem da arte circense na escola (DIAS, 2009; ALONSO; BARLOCCO, 2013; CARDANI; SPOLAOR; ONTAÑÓN, 2015). Porém, com raras exceções, a exemplo da dissertação de Pinto (2013), são poucos estudos que descrevem, analisam e compartilham as experiências sobre os processos de criação de números e coreografias circenses. Em vista dessa escassez de estudos, nós nos sentimos encorajados a compartilhar uma experiência que desenvolvemos no âmbito das atividades extracurriculares numa escola privada de Campinas-SP.

À vista disso, o objetivo geral deste estudo é relatar e compartilhar o processo de criação/composição de uma coreografia dentro da apresentação intitulada “A maravilhosa história do Circo”, com crianças de 5-7 anos num projeto de atividades extracurriculares. Quanto aos objetivos específicos, em primeiro é apresentar o contexto das atividades extracurriculares da instituição; em seguida, descrever o processo de criação do espetáculo escolar intitulado “A maravilhosa história do Circo” e, por fim, analisar o processo de criação, ensaio e apresentação de umas das coreografias do espetáculo supracitado.

O presente estudo se justifica por contribuir com os estudos sobre o processo de incorporação das atividades circenses na Educação Básica. Além disso, sua relevância se deve ao fato de investigar este processo no contexto das atividades escolares extracurriculares, pois como afirma Melo (2020, p.97) “[e]mbora não seja um apontamento totalmente novo [investigar a arte circense

nas atividades extracurriculares] [...] poucos estudos anteriores relataram esse processo de modo sistematizado e detalhado.” Finalmente, o estudo ainda traz uma contribuição ímpar ao apresentar um dos processos de criação, ensaio e a apresentação de números e coreografias circenses no âmbito da escola básica fornecendo informações para a formação continuada de docentes de Educação Física, arte-educadores circenses e, também, para a nossa própria formação no âmbito das atividades extracurriculares.

Metodologia

O presente estudo fundamenta-se na perspectiva da pesquisa sobre a própria prática (PONTE, 2002; 2005). A premissa desse tipo de pesquisa é a de que professores e educadores em geral, na sua intervenção profissional “[...] defrontam-se com numerosos problemas [...] [e] [e]m vez de esperar por soluções vindas do exterior, muitos profissionais têm vindo cada vez mais a pesquisar directamente os problemas que se lhes colocam” (PONTE, 2004, p.38). Sendo assim, a razão pela qual nos sustentamos nesta abordagem de pesquisa é a de que para além de resolver um problema de pesquisa, almejamos contribuir com o desenvolvimento da escola, com a pedagogia das atividades circenses e com a nossa própria formação, conforme Ponte (2002; 2004; 2005).

Ainda quanto ao delineamento de pesquisa, esse estudo consiste na abordagem de pesquisa colaborativa (MIZUKAMI; 2003; IBIAPINA; BANDEIRA; ARAUJO, 2016). Em síntese, a pesquisa colaborativa consiste na aproximação e diálogos produtivos do contexto acadêmico-científico com os professores do campo de intervenção tendo como eixo central dessa articulação o processo de ensino-aprendizagem (DESGAGNÉ, 2007). À vista disso, a pesquisa articula a produção de conhecimento das pesquisas científicas, a produção de saberes do campo profissional docente - saberes da experiência (LARROSA, 2016) - e os saberes e conhecimentos de uma sensibilidade artística (estética), como nos encoraja a pensar o “elogio da razão sensível” de Maffesoli (2008).

Embasando-nos nos momentos de investigação indicados por Ponte (2005)² conduzimos a pesquisa da pergunta inicial à divulgação dos resultados da qual este texto também é parte constituinte. A pergunta que nos motivou a esta investigação foi: como engendrar um processo de criação de números e coreografia circense tendo as crianças como produtoras (participação ativa) da sua própria coreografia? Tal questão nos moveu à coleta de dados que obtive como fontes de informações os planos de trabalho (semestral) e de atividades (semanal), as anotações das reuniões de planejamento com a coordenadora das atividades escolares extracurriculares, os registros de aulas (fotos, vídeos e desenhos, sendo este último, produzidos pelas crianças), registros de fotos, vídeos e do cartaz da coreografia apresentada na escola para as famílias das crianças. Ademais, utilizamos como fonte secundária a análise de documental de informações obtidas via internet, como sugere Bouissac (2012). As fontes primárias foram produzidas por nós professore-pesquisadores ou pela equipe escolar e foram organizadas para a análise interpretativa *a posteriori*.

A análise de dados consistiu na análise tipológica. Para Hatch (2002, p.152) “[i]n typological analysis, an early step is to read through the data set and divide it into elements (i.e., disaggregate it from the whole) based on

² Segundo João Pedro da Ponte (2005) os momentos de pesquisa sobre a própria prática são: i) formulação do problema de estudo; ii) recolher ou coletar dados para responder a questão; iii) interpretar os dados recolhidos e tirar conclusões; iv) divulgar os resultados e conclusões.

predetermined categories.” Deste modo, *a priori* identificamos as categorias de análise (*typological analysis*) a partir da revisão de literatura, posteriormente, lemos os dados marcando as “entradas” ou unidades de significado (ideias) relacionadas às categorias. A partir disso, realizamos um resumo das ideias centrais contidas nas categorias e analisamos padrões e relações entre as categorias. Relemos as fontes para conferir se os padrões e relações são realmente suportados pelos dados desta pesquisa. Por fim, apresentamos os resultados da pesquisa de forma narrativa a partir das três categorias definidas *a priori*: atividades escolares extracurriculares; proposta da apresentação escolar e o processo de criação, ensaio e apresentação dos números e da coreografia.

O processo de criação, treino/ensaio e apresentação de uma coreografia circense no contexto das atividades extracurriculares: uma experiência

Atividades escolares extracurriculares: atividades circenses

As fontes indicam que as atividades extracurriculares são oferecidas pela instituição no contraturno das aulas curriculares regulares. Neste sentido, elas se concretizam numa outra dinâmica favorecendo interações entre crianças, experiências educativas e conhecimentos etc. Vale ressaltar, que não podemos negligenciar a característica central da escola estudada que é ser uma instituição privada, ou seja, com fins lucrativos em paralelo à finalidade educativa.

Sobre isso, Melo (2020) destaca que não podemos fechar os olhos a uma evidente relação mercadológica que está envolta no oferecimento dessas atividades.

Não podemos deixar de mencionar que as atividades extracurriculares também têm sido utilizadas como uma forma de promoção das escolas, isto é, um dispositivo para atrair mais e novos alunos, bem como para fidelizar ou mesmo ampliar o ingresso (financeiro) da instituição (MELO, 2020, p.100).

Porém, os valores despendidos pelas famílias também representam uma fonte de comodidade para uma educação em tempo integral das crianças. Neste sentido, o serviço pelo qual as famílias investem recursos está atrelado à segurança, confiança, qualidade do ensino e prestação de serviços que a instituição oferta com as atividades extracurriculares. Em síntese, há a demanda social por atividades dessa natureza e a instituição escolar mediante a empresa “Experimento: experiência em movimento”³ atende essa demanda.

As atividades extracurriculares desta escola são organizadas em três grupos: atividades culturais, esportivas e tecnológicas. As atividades culturais são oferecidas 2 turmas de atividades circenses, 1 de canto, 4 de música, 3 de *street dance*, 8 de teatro, 4 de tecido acrobático e 1 de yoga. Porém, turmas podem não ser formadas caso não atinja o número mínimo de. No período desta pesquisa uma das turmas de Circo não atingiu o número mínimo e não teve atividades. Fontes secundárias indicam que as atividades extracurriculares não visam a recreação. Logo, o intuito é promover o caráter educativo fomentando o desenvolvimento de habilidades físicas, emocionais, cognitivas e atitudinais.

Bortoleto e Machado (2003) nos ajuda a entender melhor a distinção entre o caráter recreativo e educativo das atividades circenses. Sobre isso, os

³ Empresa prestadora de serviços contratada pela instituição escolar.

autores destacam que tanto na perspectiva da recreação quanto da educação, a prática do Circo deve ocorrer sob o enfoque do lúdico, fomentando uma motricidade geral e visando o prazer, a diversão e a satisfação com a prática das atividades circenses. Porém, o âmbito educativo a mediação do professor ganha uma centralidade, pois é ele quem vai mediar os conhecimentos com as crianças visando objetivos educativos como a expressão corporal, criatividade, comunicação, interpretação e a estética do movimento.

As notas das reuniões com a coordenadora indicam que as atividades circenses são explicitamente definidas como manifestação artística e social, um patrimônio cultural, tal como concebe a Unesco (CORREO DE LA UNESCO, 1988). Também destaca que o Circo é composto por modalidades como malabares, acrobacias, aéreos, jogos teatrais, mímicas, dança e a expressão corporal. Quanto aos objetivos das atividades circenses extracurriculares consiste no fomento do trabalho em grupo, desenvolvimento de capacidades físico-motoras (força, flexibilidade, resistência e velocidade), habilidade coordenativas (equilíbrios, lateralidade, sinestesia, coordenação óculo-manual etc.), afetividade, sociabilidade, valores, controle da ansiedade, capacidade expressiva e trabalho em grupo.

Cardani et al (2017) destacam que os argumentos que sustentam o processo de incorporação do Circo na Educação Básica são diversos. Estes argumentos podem focalizar o desenvolvimento e a aprendizagem psicomotora (coordenação, lateralidade, equilíbrio etc.); habilidades sociais como trabalho em grupo, cooperação, respeito à regras etc.; uma educação estético-artística (expressão corporal, criatividade, comunicação) e/ou uma educação culturalista na qual o Circo se justifica na Escola Básica por ser um patrimônio cultural. Na análise de dados notamos que a justificativa da instituição para as atividades curriculares com o Circo leva em conta vários discursos sobre o valor educativo das atividades circenses. Todavia, fica evidente que o discurso é do Circo como atividade-meio para os processos de desenvolvimento e aprendizagem de conhecimentos, valores e atitudes e habilidades corpóreo-expressivas.

Uma síntese do trabalho pedagógico com as atividades circenses é apresentada às famílias e à escola em duas oportunidades, dois eventos. Para Schueler, Delgado e Müller (2007), as festas e eventos escolares (e também os não-escolares) representam um momento de aprendizado para a criança, haja vista o fato delas internalizar o simbolismo das festas para a cultura lúdica dos adultos⁴. Sendo assim, o primeiro evento escolar é o “sarau de Circo” realizado em meados de junho ou início de julho⁵ (próximos ao período recesso escolar ou férias). A característica desse sarau é ser uma mostra coreográfica com uma menor exigência em nível de investimento material e técnico-artístico. Quanto ao segundo, diferente do sarau é mais exigente na produção cênica, música, figurino e elementos coreográficos. Portanto, o “sarau de Circo” é um evento escolar voltado ao público interno da escola e para as famílias das crianças.

A turma de atividades circenses na qual o estudo analisou é composta por crianças de 5 a 7 anos. Quanto às aulas, elas ocorreram das 18hs40min às 19hs40min, logo após as aulas curriculares, duas sessões semanais (segundas e quartas-feiras). As crianças dessa turma eram no total 12 crianças, 3 meninos e 9 meninas. Igualmente ao que foi observado por Melo (2020), notamos uma

⁴ Sobre o tema da cultura lúdica sugerimos a leitura de Grillo, Santos Rodrigues e Navarro (2019).

⁵ Excepcionalmente neste ano o “sarau de Circo” ocorreu em agosto devido a paralisações e/ou greves de professores (em nível nacional) que afetou o calendário escolar.

diferença de gênero na participação das crianças. Ontañón (2016) cita que as atividades circenses permitem uma participação igualitária de meninos e meninas, todavia, no geral, o número de meninas nas turmas costuma ser maior do que de meninos. Estudos futuros devem se atentar a este tema no âmbito das atividades circenses nas atividades extracurriculares, como sugere Melo (2020).

Uma proposta de apresentação: sarau de Circo apresenta... “Circolando: a maravilhosa história do Circo”

Como indicado anteriormente as atividades extracurriculares têm no “sarau de Circo”, um evento escolar artístico, um mecanismo de síntese do processo educativo. De fato, as apresentações escolares de Circo, construídas coletivamente dentro de princípios educativos e em diálogo com a instituição podem ser uma possibilidade para as crianças retomarem saberes ensinados, valores e princípios transmitidos e concretizá-los numa atividade de criação e expressão/comunicação. Assim, as apresentações circenses são boas opções para a concreção de um trabalho educativo, além de contribuir com avaliação sobre o processo pedagógico desenvolvido.

Nas anotações das reuniões com a coordenadora sobre a proposta do “sarau de Circo” consta que o intuito do evento foi a troca de experiências por meio da mostra coreográfica. Vale ressaltar que este evento é exclusivo com as turmas de atividades circenses e de tecido acrobático. Outra característica é sua proposta de criar uma coreografia tendo as crianças como centro do processo de criação, isto é, música, figurino e elementos coreográficos são escolhidos por elas. Em vista disso, o papel dos professores é mediar o processo de criação junto das crianças ajudando-as a se organizar coletivamente.

Em reuniões com a coordenadora chegamos ao consenso de tratar um tema geral para o “sarau de Circo”. A partir do *brainstorming* (tempestade de ideias) chegamos ao título: “Circolando: a maravilhosa história do circo”. A opção por esta temática exigiu investimentos na leitura de textos, além da elaboração de atividades para tratar do assunto junto às crianças.

FIGURA 1 - Cartaz do espetáculo



Fonte: Experimento: experiência em movimento

Processo de criação, ensaio e apresentação dos números e da coreografia

O processo de criação da coreografia nos encorajou a tematizar a história do Circo com as crianças. Para tanto dispomos da estratégia didática da contação de história (KRAEMER, 2007), junto à noção de “brinquedo historiado” de Ramos (2008). Na visão de Kraemer (2007, p.20) “[q]uando o professor lê uma história, dá à criança a oportunidade de ter contato com a literatura infantil e de ver ilustrações que enriquecem a sua criatividade para criar histórias orais e futuramente redigir narrações.” Ademais, a contação de história é outra boa estratégia didática tanto com crianças na Educação Infantil (OTA, 2016) quanto no Ensino Fundamental (GOULART, 2011). Ramos (2008) afirma que para além de ouvir, as crianças podem ter uma vivência corporal tanto pela representação do narrador quanto pela criação de atividades para vivenciar a narrativa. Sendo assim, utilizamos dessas estratégias para iniciar o trabalho de criação.

A contação de história e o brinquedo historiado teve como material de base o livro “A grande história do Circo em quadrinhos” da escritora Deva Bhakta (2011). Em linhas gerais, o livro mostra algumas passagens históricas do Circo da Antiguidade até os circos-famílias no século XX. Diferente de Santos Rodrigues e Lopes (2016) que numa experiência pedagógica trataram a história do Circo embasado numa pesquisa historiográfica, articulando conceitos com brincadeiras e jogos, aqui a perspectiva foi se deixar conduzir pela narrativa do livro, sem uma preocupação com anacronismos históricos dessa história. Assim, propomos atividades circenses permeadas pelo simbolismo de contorcionistas indianos, de equilibristas chineses, malabaristas egípcios, domadores gregos de animais e dos espetáculos romanos, todas imagens aludidas ao Circo na

Antiguidade. Os saltimbancos, a *Commedia dell'Arte*, o Circo Moderno inglês e o circo-família também foram representados por meio das atividades lúdicas.

Antes das crianças chegarem no espaço-ambiente em que ocorriam as aulas, era montado uma arquitetura (ambientação lúdica) que remetesse ao simbolismo circense supracitado (figura 2). A “entrada nesse Circo” exigia que as crianças resolvessem uma situação-problema atrelada às atividades circenses e ao tema da aula (por exemplo, fazer uma cambalhota ou andar sobre a corda disposta no chão etc.). Ao entrar na Circo era feito a roda de conversas que representa uma excelente estratégia didática, como cita Siste (2003, p.87-8): “[...] sentados no chão, em círculo [...], podemos ver e ouvir cada um, e somos vistos e ouvidos por todos também.” Nessa roda de conversas era feita a contação de história do livro de Bhakta (2011) e a proposta de atividades circenses. A cada duas aulas fomos criando o hábito de as crianças criarem um pequeno número circense (em duplas, trios ou grupos) para mostrar aos colegas no interior da própria arquitetura do Circo criada para a aula. Ao fim da mostra de números era realizada uma roda de conversas final e encerrava-se a aula.

A figura 2 ilustra a “arquitetura circense” construída para duas aulas.

FIGURA 2 - Arquitetura circense: Circo moderno inglês (esq.) e Circo de lona americano (dir.)



Fonte: autoria própria

A arquitetura circense inicialmente foi pensada com o intuito de criar uma ambientação lúdica com o simbolismo do Circo. Ao longo das aulas fomos notando que as crianças se sentiam cada vez mais curiosas para saber como o Circo estava montado naquele dia (para cada aula era arquitetado um Circo diferente) e instigadas a superar o desafio para entrar no Circo. Além disso, tal estratégia nos permitiu explorar as noções de palco, plateia e bastidores. Para as crianças que não tinham experiências com apresentações, essa atividade parece ter ajudado a entender os papéis de artista e de público na composição do espetáculo de Circo (SANTOS RODRIGUES, 2018).

Os saberes e conhecimentos circenses tematizados nas aulas foram noções conceituais como o Circo da Antiguidade, saltimbancos, Circo moderno inglês, Circo-americano e Circo-família. As atividades circenses tratadas foram as acrobacias, os malabares, equilíbrios, encenação e aéreos, como classifica Bortoleto (2017). Como destacam Bortoleto e Machado (2003), neste âmbito de prática não é possível ampliar o nível técnico das modalidades circenses, logo, as crianças brincaram de Circo, aprenderam por meio do Circo e aprenderam sobre Circo. O aprendizado mais visível das crianças foi pincelado na criação

coreográfica que tinha como título “Circo com animais”⁶, numa alusão tanto à doma de animais do Circo romano, à “arte equestre” do Circo moderno inglês e ao adestramento de animais dos Circos de variedades trazidos pelo livro.

Como indicado anteriormente, a cada duas aulas era proposto que as crianças criassem pequenos números circenses para mostrar aos colegas. Além de propor essa atividade, nós conversamos com as crianças sobre as ideias que eles tinham, fizemos sugestões, brincamos juntos e, por vezes, entramos em cena junto com elas. Essa proximidade e mediação dos processos de criação, bem como apresentar juntos mostrou um facilitador do processo criativo. Todos os números circenses criados em aula foram gravados em vídeo ou fotografados. Notamos que este repertório de números poderiam ser a base para a coreografia do sarau. Posto isso, ressaltamos que no plano de atividades consta uma aula em que reservamos uma sala para mostrar os vídeos dos números para as crianças. Foi uma atividade significativa, pois parece ter despertado sentimentos de alegria, vergonha ou encanto com suas “performances”. Ao final da mostra de vídeos as crianças declaram que gostou da atividade, o que indica que tal atividade pode contribuir com o processo de criação de coreografias de Circo.

Outra atividade significativa foi o pedido de as crianças desenharem uma carta convite para os familiares, convidando-os para o “sarau de Circo”. A atividade foi bem aceita pelas crianças que não estranharam a atividade desta natureza nas aulas com as atividades circenses. Vale ressaltar que a aceitação dessa atividade, parece ser uma consequência das aulas curriculares, pois os desenhos são uma prática de rotina nas aulas curriculares. Logo, entendemos que as aulas de Circo não precisam ser restritas às atividades corporais, pelo contrário, outras possibilidades como assistir vídeos, tirar fotos, fazer desenhos etc., podem acertadamente contribuir com as aulas de atividades circenses.

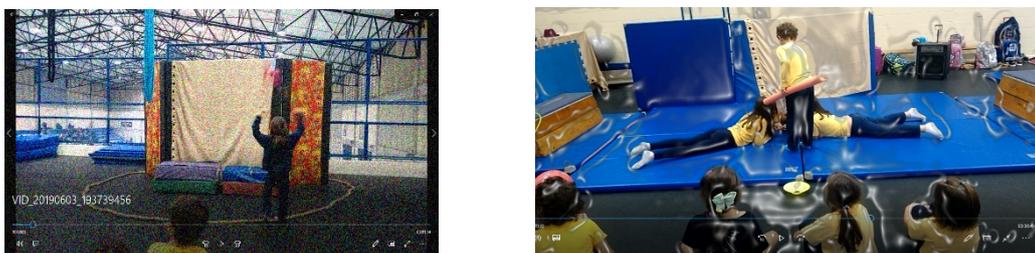
Quanto à coreografia “Circo com animais”, ela foi composta por três números circenses criados e mostrados nas aulas, uma entrada e a pose final. O cenário era composto por dois biombos ao fundo do palco, um colchão “gordo” na vertical entre os biombos e escondido por uma cortina e atrás do colchão uma escada (figura 3). Entre a plateia e os biombos ficaram três colchões sarneijes atravessados e nas laterais dois plintos (um de cada lado). Além disso, dispomos de um arco (bambolê) e de cavalos com cabo de vassoura como materiais. A maquiagem, o figurino e a música também foram elementos que compuseram a coreografia, como orienta Alonso e Barlocco (2013).

Permita-nos narrar a fantasia da apresentação e deixar uma descrição mais realista para outro momento. “A coreografia começa com um incrível desfile de animais. As focas são trazidas por um amestrador, logo atrás estão quatro elegantes amazonas montadas em belos cavalos coloridos, sem perder o fôlego, entra em cena um domador conduzido uma exuberante tigresa e uma linda e assustadora leoa. O desfile acaba e entra em cena novamente são três focas treinadas que saltam, pulam e rodopiam umas sobre as outras e juntas equilibram um globo, como se o mundo se equilibrasse em seus narizes. As focas dão lugar à mostra de habilidades das corajosas amazonas que em cima dos cavalos fazem cambalhotas e estrelinhas, um show de elegância e destreza. Em seguida entram duas feras sendo conduzidas pelo domador, mas, do nada, somem, cadê as feras? Um grande barulho anuncia a queda de um colchão e

⁶ A presença (ou ausência) de animais nos Circos exigiu uma conversa mais detida e ampla com as crianças, sobretudo, com os maiores, como sugere Martins (2014).

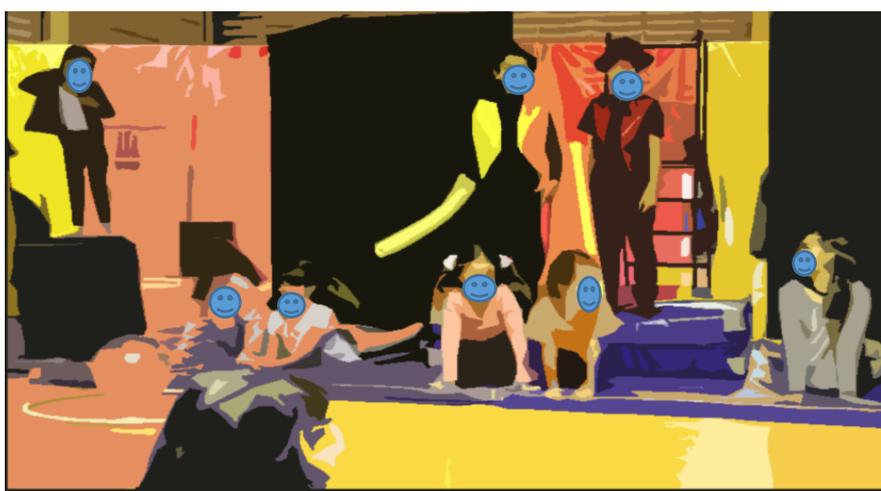
revela as feras no alto, prontas para saltar pelo arco em chamas! incrível! o público fica em êxtase! Em seguida, todos os artistas voltam para receber uma salva de palmas estridente do respeitável público!” (figura 3 e 4).

FIGURA 3 - Entrada - desfile (esq.) e número de amestramento de focas (dir.).



Fonte: autoria própria

FIGURA 4 – pose final da apresentação



Fonte: autoria própria

É importante destacar que este processo também teve dificuldades e insuficiências. Uma característica marcante da turma de crianças é a sua rápida dispersão das propostas de aulas. As crianças tinham a tendência a dispensar e sair da proposta de aula, o que exigia dos professores uma atenção redobrada para dinamizar as atividades visando retomar o foco do grupo. Na atividade da mostra de números circenses em aula, notamos que as crianças eram receptivas à ideia de se mostrar, assumir um papel de “artista circense da escola”, porém demonstrava impaciência no papel de público ao assistir os colegas. Sobre isso, Desgranges de Carvalho (2003) e Bennett (2012) nos faz pensar na necessidade de pedagogia do espectador e no hábito de assistir às criações dos colegas com paciência e controle da imediaticidade que caracteriza suas atividades.

Outra dificuldade foi a falta de autonomia das crianças na produção coreográfica. Ainda que a proposta do “sarau de Circo” tenha sido a fomentar a participação ativa das crianças, efetivamente, foi necessário uma participação incisiva dos professores na composição de elementos de maquiagem, música, figurino e na articulação dos números circenses dentro da narrativa. Ainda que Alonso e Barlocco (2013) citem que os estudantes tenham uma participação em todo o processo de composição do espetáculo de Circo que não se restringe às

atividades no centro do palco, mas que engloba música, figurino, maquiagem, luzes, cartazes, anúncios etc. Sendo assim, reconhecemos que fomos incapazes de lograr uma maior autonomia das crianças no processo de criação.

Porém, vale a pena destacar que o processo de criação teve uma boa aceitação das crianças, das famílias e da escola. Isto demonstra que apesar de limites no processo, os resultados na coreografia cumpriram o objetivo de ser um mecanismo de síntese do aprendizado das crianças. Ao fim, nossa sensação foi que o trabalho é atravessado por dúvidas e incertezas, mas que o resultado foi significativo para as crianças. O retorno que das famílias e da coordenação nos indica que está trilhando bons caminhos neste processo e foi justamente este retorno que nos encorajou a compartilhar essa experiência.

Considerações

Como nós professores/as de Educação Física acostumados com a prática antagonista dos esportes, podemos abordar em nossas aulas (sejam elas aulas curriculares ou atividades extracurriculares) a arte secular do Circo numa vertente da arte-educação? Especificando ainda mais, como podemos tematizar a arte circense sem descaracterizá-la como poética que se materializa na criação de números e coreografias? Essas foram questões que nos incitaram a começar este processo de pesquisa sobre a nossa própria prática, registrando as nossas aulas, tomando notas reuniões pedagógicas, registrando em fotos e vídeos as atividades realizadas para *a posteriori* analisar, discutir e refletir o processo que foi desenvolvendo. Por ocasião do IX Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas, promovido pelo Lume – Unicamp, tivemos a oportunidade de apresentar nossas reflexões preliminares e dialogar com colegas do campo das Artes da Presença o que foi muito proveitoso para a nossa formação continuada como professores e arte-educadores. Os diálogos que estabelecemos dentro do Simpósio trouxeram contribuições ímpares para os nossos trabalhos e, visando manter um diálogo em aberto com outros que assim como nós acreditam e atuam nas escolas básicas com o Circo, criamos coragem de escrever este texto.

Em vista disso, o objetivo aqui foi basicamente relatar e compartilhar a “aventura pedagógica” que conduzimos no contexto das atividades escolares extracurriculares. Neste sentido, a pesquisa ocorreu numa instituição privada da cidade de Campinas-SP, na qual as atividades extracurriculares têm um caráter educativo e visa contribuir com o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Um dos mecanismos de síntese do processo educativo são dois eventos (festas) escolares sendo que o primeiro, denominado de “sarau de Circo” (foco de nossas análises) tem como característica ser uma mostra de coreografias criadas pelas crianças (participação ativa) para ser apresentado para as famílias dos infantes. Nas reuniões pedagógicas foi decidido pelos professores e coordenadores que o título do sarau seria “Circolando: a maravilhosa história do circo” e a coreografia da turma de Circo (foco de nossas análises) teve como tema o “Circo com animais”. Assim, o processo de criação e apresentação da coreografia se constituiu em nosso fenômeno de estudo.

O processo de criação, ensaio e apresentação da coreografia iniciou-se com atividades de contação de história e história vivenciada do livro infanto-juvenil “A grande história do Circo em quadrinhos” de Bhakta (2011). Com efeito, a narrativa do livro foi de vital importância para apresentar conceitos e atividades circenses (acrobacias, aéreos, equilíbrios, encenação e malabares). O simbólico

do Circo abordado tanto pela leitura do livro e atividades derivadas das leituras quanto pela atividade de construção de uma “arquitetura circense” (ambientação lúdica). A “arquitetura circense” além de incitar a curiosidade das crianças pelos saberes e saberes-fazer circenses também foi importante para apresentar a noção de palco, bastidores e plateia, bem como as funções de expectadores e artistas na construção do espetáculo. As crianças foram instigadas a criar, ensaiar e mostrar pequenos números para os colegas ao longo das aulas e a partir do registro (vídeo e fotos) dessas pequenas criações fomos ajudando-os na composição da coreografia para o “sarau de Circo”.

Em linhas gerais, a coreografia “Circo com animais” contou com um desfile de animais como entrada em cena, o primeiro número de “amestramento de focas”, o segundo de “acrobacias equestres”, o terceiro de “doma de feras” e o fechamento com uma pose acrobática. A coreografia foi bem recebida pelas famílias, as crianças brincaram nos bastidores, se mostraram entusiasmadas na apresentação de sua coreografia e, ademais, tiveram a oportunidade de assistir as coreografias dos colegas de outras turmas. Neste sentido, entendemos que as crianças vivenciaram os três eixos da arte-educação: criar, fruir e refletir sobre o processo de criação e apresentação de números e coreografias circenses.

De resto, não podemos deixar de apontar insuficiências no processo. Tivemos dificuldades com a dispersão das crianças em aula, a impaciência ao assumir o papel de espectadoras dos colegas (possivelmente motivada por uma “cultura do imediatismo”) e a falta de autonomia das crianças na composição de elementos do espetáculo (figurino, música e maquiagem). Devido a isto, os professores assumiram as posições de “produtores” da coreografia circense mediando o processo de co-criação de um espetáculo multimídia⁷ que são as coreografias circenses. Não podemos deixar de dizer que essas insuficiências não nos desencorajaram, pelo contrário, nos motivaram a estudar, investigar a nossa própria prática pedagógica e a compartilhar nossos êxitos e conquistas, mas, também, nossos equívocos e fragilidades.

Por fim, gostaríamos de deixar como mensagem final, para encorajar outros professores e professoras a dialogar sobre suas “aventuras pedagógicas” com a arte circense, as palavras das personagens de Bedicks e Bortoleto (2015, s/p).

Não demorou muito e os palhaços voltaram. Dessa vez para fazer a despedida, chamando todos os artistas para o desfile final! O forte aplauso do público, os assovios e os gritos de “bravo” reforçaram a alegria que estava estampada nos rostos de todos. Viva o Circo, viva a todos os circenses cantavam os artistas! E o povo daquela cidade [daquela escola] nunca esquecerá este dia!

Referências

ALONSO, V.; BARLOCCO, A. **Encastres: propuestas para una escuela en juego – circo**. Coordinación técnica MIDES-CEIP, URUGUAY. 2013.

BARCELLOS, P. Do picadeiro para a escola. **Pátio – Educação Infantil**, Ano XII, n. 40, jul./set., p. 36-9, 2014.

⁷ Sobre a noção de Circo como espetáculo multimídia, ver Bouissac (1976).

BEDICKS, M. G.; BORTOLETO, M. A. C. **O circo chegou!** Campinas-SP, FEF/Unicamp, 2015.

BENNETT, S. **Theatre audiences: a theory of production and reception.** 2. Ed. London; New York, NY: Routledge, 1997.

BHAKTA, D. **A grande História do Circo em quadrinhos.** Grupo Rosa dos Ventos: Presidente Prudente, 2011.

BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. **Corpoconsciência** (São Paulo), Santo André – SP, v. 2, n. 12, p. 36-69, 2003.

BORTOLETO, M. A. C. (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses.** Jundiaí-SP: Fontoura, 2008.

BORTOLETO, M. A. C. (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses – Vol. 2.** Várzea Paulista-SP: Fontoura, 2010.

BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses: Notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 43-55, jul. 2011.

BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses. *In:* GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (org.). **Dicionário Crítico de Educação Física.** Ijuí-RS, Ed. Unijuí, 3. Ed., 2014.

BORTOLETO, M. A. C. Mais arte, mais circo e mais educação: por um corpo mais expressivo. *In:* MORAES, A. C.; ROCHA, L. A. O.; SILVA, P. C. C. **Educação integral no Espírito Santo: contribuições para as artes do corpo e do espaço.** Vitória, ES: GM Gráfica & Ed., 2016.

BORTOLETO, M. A. C. Um encontro entre o funâmbulo e o praxiólogo: ideias para mestres e discípulos. *In:* FERREIRA, L. A.; RAMOS, G. N. S. **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz: compreendendo as práticas corporais.** Curitiba, Brasil: CRV, 2017.

BORTOLETO, M. A. C.; SILVA, E. Circo: Educando entre as gretas. **Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, v.4, n.2, 2017.

BOUISSAC, P. **Circus and culture: a semiotic approach.** Bloomington: Indiana University Press, 1976.

BOUISSAC, P. **Circus as multimodal discourse: performance, meaning and ritual.** Bloomsbury Publishing PLC, 2012.

CARDANI, L. T.; SPOLAOR, G. C.; ONTAÑÓN, T. B. O processo de criação coletiva no projeto de extensão universitária “Atividades Circenses para crianças” da FEF/Unicamp. *In:* **Anais... XIX CONBRACE – Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e Ciências do Esporte**, Vitória, ES, 2015.

CARDANI, L. T.; ONTAÑÓN, T. B.; SANTOS RODRIGUES, G; BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.25, n.4, p.128-140, 2017.

COSTA, A. C. P.; TIAEN, M. S.; SAMBUGARI, M. R. N. Arte circense na escola: possibilidade de um enfoque curricular interdisciplinar. **Olhar de professor**, v.11, n.1, p.197-217, 2008.

- CORREO DE LA UNESCO. **El circo**: un espectáculo del mundo. n.1, España, 1988.
- DAL GALLO, F. Circo-educação: Fundamentos da arte-educação na prática do circo social. **Lamparina**-Revista de Ensino de Artes Cênicas, v.1, n.2, p.113-121, 2011.
- DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, v.29, n.15, 2007.
- DESGRANGES DE CARVALHO, F. A. **A pedagogia do espectador**. São Paulo, SP: Hucitec, 2003.
- DIAS, L. C. **A arte circense no ensino infantil**: reflexões sobre uma proposta. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- GOULART, M. C. Ginástica, circo e dança: um relato da Educação Física na Educação Infantil. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 2, n. 2, 2011.
- GUY, Jean-Michel. **Avant-Garde, Cirque!** Les arts de la piste en revolution. Autrement, Collection Mutations, n.209, 2001.
- HATCH, J. A. **Doing qualitative research in education settings**. Suny Press, 2002.
- HOTIER, H. (org.) **La fonction éducative du cirque**. Paris: L'Harmattan. 2003.
- IBIAPINA, I. M. L. M.; BANDEIRA, H. M. M.; ARAUJO, F. A. M. (Org.). **Pesquisa colaborativa**: multirreferenciais e práticas convergentes. Teresina, PI: EDUFPI, 2016.
- KRAEMER, M. L. **Lendo, brincando e aprendendo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- LARROSA, J. B. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.
- LOPES, D.; SILVA, E. A contemporaneidade da linguagem circense no Rio de Janeiro do século XIX. **ILINX – Revista do LUME**, n.13, 2018.
- MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3.ed. São Paulo, SP: Editora UNESP: Hucitec, 2003.
- MARTIN, C. Certa convivência. *In*: WALLON, E. (org). **O circo**: no risco da arte. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.
- MARTINS, R. F. O respeitável público não quer mais animais em circos! **Revista Brasileira de Direito Animal**, v.3, n.4, 2014.
- MELO, C. C.; SANTOS RODRIGUES, G.; CARADANI, L. T.; LUA BARRETO, M. BORTOLETO, M. A. C. Invertendo a lógica: crianças ensinando circo para adultos–todos aprendendo. **Educación Física y Deporte**, v.38, n.2, 2019.

MELO, C. C. **Atividades circenses:** compartilhando práticas pedagógicas no ensino extracurricular da escola básica. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

MIRANDA, R. C. F.; AYOUB, E. Por entre as brechas dos muros da universidade: O circo como componente curricular na formação inicial em Educação Física. **Revista Portuguesa de Educação**, v.30, n.2, p.61-83, 2017.

MIZUKAMI, M. G. N. A pesquisa sobre formação de professores: metodologias alternativas. In: BARBOSA, R. L. L. (org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2003.

NETTO, C. G. O circo chega às escolas: Tese investiga alcance da introdução de atividades circenses nas grades curriculares. **Jornal da Unicamp**, n. 652, 2016.

OTA, G. S. G. **Ginástica Historiada e Formação Humana na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ONTAÑÓN, T. B., DUPRAT, R. M., BORTOLETO, M. A. C. Educação física e atividades circenses: “o estado da arte”. **Movimento**, v.18, n.2, 2012.

ONTAÑÓN, T. B.; BORTOLETO, M. A. C., SILVA, E. Educación corporal y estética: las actividades circenses como contenido de la educación física. **Revista Iberoamericana De Educación**, n.62, p.233-43, 2013.

ONTAÑÓN, T. B. **Circo na escola:** por uma educação corporal, estética e artística. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2016.

PINTO, L. G. S. **O processo de ensino-aprendizado da ginástica na “minha escola”**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2013.

PONTE, J. P. Investigar a nossa própria prática. In: GTI (Org.). **Refletir e investigar sobre a prática profissional**. Lisboa: APM. 2002

PONTE, J. P. Pesquisar para compreender e transformar a nossa própria prática. **Educar em revista**, n.24, p.37-66, 2004.

PONTE, J. P. M. O interaccionismo simbólico e a pesquisa sobre a nossa própria prática. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v.1, n.1, 2005.

RAMOS, J. R. S. **Dinâmicas, brincadeiras e jogos educativos:** brincadeiras cantadas (inclui CD), brinquedos com sucata, jogos do cotidiano escolar, dinâmicas e alta e baixa intensidade motriz, jogos historiados. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ROCHA, G. O “circo-escola” e a reinvenção da educação. In: ROCHA, G.; TOSTA, S. P. (Org.). **Caminhos da pesquisa:** estudos em linguagem, antropologia e educação. Curitiba: CRV, 2012.

SANTOS RODRIGUES, G.; LOPES, D. C. Notas preliminares sobre as aulas de história do circo no ensino das atividades circenses. In: **Anais...** X Congresso Nacional de Educação

Física – XXI Reunião Científica: “Práxis: baseando-se em evidência para revolucionar a prática”, Bauru-SP, p.47-8, 2016.

SANTOS RODRIGUES, G. **Pedagogia das atividades circenses na Educação Física escolar**: experiências da arte em escolas brasileiras de Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas-SP, 2018.

SCHUELER, A. F. M.; DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. A participação das crianças nas festividades brasileiras. **Revista Educação em Questão**, v.29, n.15, 2007.

SILVEIRA, C. J. **Rede Circo do Mundo Brasil**: uma proposta metodológica em rede. - Rio de Janeiro. FASE, 2003.

SISTE, A. F. Roda de conversa. *In*: FERREIRA, G. M. (org.). **Palavra de professor(a)**: tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

SOARES, C. L.; MADUREIRA, J. R. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Movimento**, v.11, n.2, 2005.

STRASSER, C. **Seurat, “Cirque”**: pour un monde nouveau. A. Biro, 1991.

TAKAMORI, F. S., BORTOLETO, M. A. C., LIPORONI, M. O., PALMEN, M. J. H., CAVALLOTTI, T. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência. **Revista Pensar a Prática**, v.13, n.1, 2010.

WALLON, E. (org.). **O circo no risco da arte**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.